

# Crônica do Viver Baiano Seiscentista

## Pessoas Beneméritas

Gregório de Matos

### PESSOAS BENEMÉRITAS

A EL REY D. PEDRO II COM UM ASTROLABIO DE TOMAR O SOL, QUE MANDOU O Pe. VALENTIM STANCEL DEDICADO AO RENASCIDO MONARCA.

A MORTE DA AUGUSTA SENHORA RAINHA D. MARIA, FRANCISCA, IZABEL DE SABOYA, QUE FALLECEO EM 1683.

A SERENISSIMA INFANTA DE PORTUGAL D. IZABEL, LUIZA, JOSEPHA NASCENDO EM DIA DE REYS.

NA MORTE DA MESMA SENHORA RATIFICA O POETA AS VENTURAS, QUE PROMETTE O SONETO ANTECEDENTE.

CONTINUA A MESMA RATIFICAÇÃO NA ESTRELLA DOS MAGOS POR HAVER NASCIDO ESTA SENHORA EM DIA DE REYS.

SENTIMENTOS D'EL REY D. PEDRO II À MORTE DESTA SERENISSIMA SENHORA SUA FILHA PRIMOGENITA.

### GLOSA

AO CONDE DE ERICEYRA D. LUIZ DE MENEZES PEDINDO LOUVORES AO POETA NÃO LHE ACHANDO ELLE PRESTIMO ALGUM.

CENSURA QUE FAZ O POETA DESTE TAL CONDE NA SUA DESASTRADA MORTE, LANÇANDO-SE DA JANELLA DO SEU JARDIM, ONDE ACABOU MISERAVELMENTE POR ALTOS JUIZOS DE DEOS.

AO MESMO ASSUMPTO E PELO MESMO CASO.

### ESTRIBILHO

A MORTE DO ILLUSTRISSIMO MARQUEZ DE MARIALVA. GENERAL DAS ARMAS DE PORTUGAL SOBRE AS PALAVRAS DA ESCRIPTURA "PLANDITE ANTE EXEQUIAS ABNER; FIPSE FLEVIT DAVID SUPER MULUM ABNER."

EPITAFIO AO CORAÇÃO DESTE MESMO GENERAL ENTERRADO AOS PÉS D'EL REY D. JOÃO IV.

AO MESMO ASSUMPTO E PELOS MESMOS CONSOANTES

AO MESMO MARQUEZ SENDO ENTERRADO EM TREZ PARTES. O CORPO EM CATANHÉDE; O CORAÇÃO EM S. VICENTE DE FORA; E OS INTESTINOS EM SAM JOSÉ DE RIBA MAR

### HOMENS DE BEM

A MORTE DO GOVERNADOR MATHIAS DA CUNHA.

AO MESMO ASSUMPTO.

AO MESMO ASSUMPTO.

DISCRIÇÃO, ENTRADA, E PROCEDIMENTO DO BRAÇO DE PRATA ANTONIO DE SOUZA DE MENEZES GOVERNADOR DESTE ESTADO.

SUBTILEZA COM QUE O POETA SATYRIZA À ESTE GOVERNADOR.

A PRIZÃO QUE FEZ ESTE GOVERNADOR À SEU CREADO O BRAÇO FORTE.

A DESPEDIDA DO MAO GOVERNO QUE FEZ ESTE GOVERNADOR.

SUCCEDE A ESTE GOVERNADOR O MARQUEZ DAS MINAS COM SEU FILHO O CONDE DO PRADO, DESFAZENDO  
TODAS AS SUAS OBRAS, E MANDANDO VIR OS PRINCIPAES DA BAHIA DO DESTERRO, EM QUE  
ANDAVÃO, PELA  
MORTE, QUE OUTROS DERAM AO ALCAYDE MÔR FRANCISCO TELLES.

A SEU FILHO O CONDE DO PRADO, DE QUEM ERA O POETA BEM VISTO, ESTANDO RETIRADO  
NA PRAYA GRANDE,  
LHE DÁ CONTA DOS MOTIVOS, QUE TEVE PARA SE RETIRAR DA CIDADE, E AS GLORIAS, QUE  
PARTICIPA NO  
RETIRO.

AO CONDE DO PRADO EMBARCANDO-SE PARA PORTUGAL EM COMPANHIA DE SEU PAY,  
DEPOIS DE TER ACABADO  
O TEMPO DE SEU GOVERNO LHE FAZ O POETA ESTAS SAUDOSAS DESPEDIDAS.

A MORTE DESTE CONDE SUCCEDIDA NO MAR QUANDO SE RETIRAVA PARA LISBOA.

AO MESMO ASSUMPTO.

AO MESMO ASSUMPTO.

AO MESMO ASSUMPTO.

AO GOVERNADOR ANTONIO LUIZ GLZ. DA CAMARA COUTINHO EM DIA DE REYS OBSEQUEA O  
POETA PEDINDOLHE  
EM NOME DE HUM AMIGO HUMA DAQUELLAS ESMOLLAS, QUE SUA MAGESTADE CONSIGNA  
DO REAL THESOIRO  
CADA HUM ANNO PARA OS HOMENS DE BEM, A QUE CHAMÃO MERCÉ ORDINARIA.

EMPENHA O POETA PARA CONSEGUIR ESTA MERCÉ AO CAPITÃO DA GUARDA LUIZ FERREYRA  
DE NORONHA SEU  
PARTICULAR CRIADO.

A PEDITORIO DOS PRETOS DE NOSSA SENHORA DO ROSARIO FEZ O POETA O SEGUINTE  
MEMORIAL PARA O MESMO  
GOVERNADOR, IMPETRANDO LICENÇA PARA SAIREM MASCARADOS À HUMA OSTENTAÇÃO  
MILITAR, A QUE  
CHAMAVÃO ALARDE.

OUTRO MEMORIAL POR HUM SEU SOBRINHO, QUE DESEJAVA SENTAR PRAÇA DE SOLDADO.

AO MESMO GOVERNADOR SUBTILMENTE REMOQUEIA O POETA AO DESCUIDAR-SE DE SUA  
HONRADASUPPLICA  
SOBRE A MERCÉ ORDINÁRIA, LEMBRANDOLHE, QUE Á DERA A HUM SOLDADO  
RIDICULOCHAMADO O FARIA, POR  
QUEM NAQUELLE TEMPO CANTAVÃO OS CHULOS "A MULHER DO FARIA VAY PARA  
ANGOLLA".

TORNA O POETA A INVOCAR LUIZ FERREYRA DE NORONHA.

ATHE AQUI NÃO ERA AINDA VINDA A MERCÉ ORDINÁRIA.E NO DIA, EM QUE O GOVERNADOR  
FEZ ANNOS LHE  
MANDOU O SEGUINTE SONETO.

A D. JOÃO DALENCASTRE VINDO DO GOVERNO DE ANGOLLA, ASSISTINDO NO MESMO PALACIO, QUEIXANDO-SE, DE QUE O POETA O NÃO VISITASSE, E PEDINDOLHE HUMA SATYRA POR OBSEQUIO.

A JOÃO PLZ. DA CAMARA COUTINHO FILHO DO MESMO GOVERNADOR TOMANDO POSSE DE HUMA GINETA EM DIA DE S. JOÃO BAPTISTA, E LHE ASSISTIO DE SARGENTO D. JOÃO DE LANCASTRO SEU THIO VINDO DO GOVERNO DE ANGOLLA.

AO MESMO ASSUMPTO.

GENEALOGIA QUE O POETA FAZ DO GOVERNADOR ANTONIO LUIZ DESABAFANDO EM QUEYXAS DO MUYTO, QUE AGUARDAVA NA ESPERANÇA DE SER DELLE FAVORECIDO NA MERCÉ ORDINARIA.

CONTINUA O POETA SATYRIZANDO-O COM O SEO CRIADO LUIZ FERREYRA DE NORONHA.

AOS MESMOS AMO, E CRIADO.

PROSSEGUE O MESMO ASSUMPTO.

REPETE A MESMA SATYRA.

AO MESMO ASSUMPTO.

DIZ MAIS COM O MESMO DESENFADO:

DEDICATORIA ESTRAVAGANTE QUE O POETA PAZ DESTAS OBRAS AO MESMO GOVERNADOR SATYRIZADO.

APOLOGIA CAVILLOSA EM DEFENÇA DO MESMO GOVERNADOR ANTONIO LUIZ.

DESCANTA O POETA AGORA A DESPEDIDA DESTE GOVERNADOR EM METAPHORA DE CHULARIAS, QUE SE UZAVAM NAQUELLE TEMPO. POR DIZER-SE VINHA RENDÊLLO D. JOÃO DE ALENCASTRE SEU CUNHADO.

RETRATO QUE FAZ ESTRAVAGANTEMENTE O POETA, AO MESMO GOVERNADOR ANTONIO LUIZ DA CAMARA NA SUA DESPEDIDA.

A D. JOÃO D'ALENCASTRE TOMANDO POSSE DO SEO GOVERNO OBSEQUEA O POETA COM AS QUEYXAS DO SEU ANTECESSOR, E CUNHADO.

AO MESMO GOVERNADOR CHEGANDOLHE A NOVA DA MORTE DE SUA SOGRA, A QUEM DEYXOU CONVALECIDA DA MESMA ENFERMIDADE, DE QUE MORREO DEPOIS.

LOUVA O SECRETARIO DE ESTADO BERNARDO VIEYRA RAVASCO A HUM SUGEYTO, QUE FOY À COSTA DA MINA E LÁ FEZ HUMA ILLUSTRE ACÇÃO.

RESPONDE O POETA A BERNARDO VIEYRA RAVASCO PELOS MESMOS CONSOANTES POR AQUELLA PESSOA A QUEM SE FEZ O OBSEQUIO.

CONTINUA BERNARDO VIEYRA RAVASCO NO SEU PROPOSITO PELOS MESMOS CONSOANTES.

AO MESMO SECRETARIO DE ESTADO BERNARDO VIEYRA PEDINDO HUMAS OITAVAS AO POETA, EM TEMPO, EM QUE FAZIA ANNOS CONVALESCENDO DE HUMA GRAVE DOENÇA.

2 — PESSOAS BENEMÉRITAS

...pessoas beneméritas...

Manuel Pereira Rabelo, licenciado  
Gabando-vos a vós, e eu fico um Rei

A EL REY D. PEDRO II COM UM ASTROLABIO DE TOMAR O SOL,  
QUE MANDOU O Pe. VALENTIM STANCEL DEDICADO  
AO RENASCIDO MONARCA.

Este, Senhor, que fiz leve instrumento  
Para pesar o sol a qualquer hora,  
Dedico a aquele Sol, a cuja aurora  
Já destinam dous mundos rendimento.

Desta minha humildade, e desalento,  
Que a sua quarta esfera não ignora,  
subindo a oitavo céu, pertende agora  
A estrela achar no vosso firmamento.

Eu, que outro sol no seu zenith pondero  
Aos do Nascido Soberanos Raios,  
Pesando-me eu a mim me desespero.

Mas vós, Águia Real, esses ensaios  
Entre os vossos levai, pois considero,  
Que nunca em tanta sombra houve desmaios.

A MORTE DA AUGUSTA SENHORA RAINHA D. MARIA, FRANCISCA,  
IZABEL DE SABOYA, QUE FALLECEO EM 1683.

Hoje pó, ontem Deidade soberana,  
Ontem sol, hoje sombra, ó Senadores,  
Lises imperiais enfim são flores,  
Quem outra cousa crê, muito se engana.

Nas cinzas, que essa urna guarda ufana,  
Vejo, que os aromáticos licores  
são de seu mortal ser descobridores,  
Porque, o que a arte esconde, o júízo alhana.

A Real Capitânia submergida!  
Olhos à gávea, ó tu Naveta ousada,  
Que ao mar te engolfas de ambição vencida:

Pois em terra a Real está encalhada,  
Alerta, altos Baixéis, porque anda a vida  
Da mortal tempestade ameaçada.

A SERENISSIMA INFANTA DE PORTUGAL D. IZABEL, LUIZA,  
JOSEPHA NASCENDO EM DIA DE REYS.

Nasces, Infanta bela, e com ventura  
Tão desigual a toda a gentileza,  
Que vencendo o poder da natureza,  
Venturosa fizeste à formosura.

Com tal estrela sobe a tal altura  
A formosura posta em tanta alteza,  
Que por nasceres pasmo da beleza,  
Da pensão de formosa estás segura.

Nasceste Filha enfim da bela Aurora  
Com graça singular, ventura clara,  
Com estrela nasceste, ó feliz hora!

Nascer bela, e feliz é cousa rara:  
Mas em ti Portugal venera agora

Uma estrela na dita, um sol na cara.

NA MORTE DA MESMA SENHORA RATIFICA O POETA AS VENTURAS,  
QUE PROMETTE O SONETO ANTECEDENTE.

Bem disse eu logo, que éreis venturosa

Quando nascestes, com nascer tão bela,

E me lembra dizer já com cautela,

Cousa rara é ser bela, e ser ditosa.

O nascer com estrela, e ser formosa

Raro prodígio é, que mais se anela;

Mas ser na terra flor, nos céus estrela,

Só em vós foi ventura prodigiosa.

Fostes, e sois estrela enfim do Norte,

Do céu girando o Norte mui segura,

Girando sempre a tão felice corte.

Hoje lograis mais bela formosura,

Possuindo na glória dita, e sorte,

Que em ser do Céu consiste o ter ventura.

CONTINUA A MESMA RATIFICAÇÃO NA ESTRELLA DOS MAGOS  
POR HAVER NASCIDO ESTA SENHORA EM DIA DE REYS.

Nascestes bela, e fostes entendida

Uniu-se em vós saber, e formosura:

Não se pode lograr tanta ventura,

Em quem com tal estrela foi nascida.

Quem viu co'a formosura a sorte unida,

Que julgasse essa vida por segura?

Muito esperou por vós a sepultura,

Que, em quem é tão feliz, não dura a vida.

Quem dissera no vosso nascimento,  
Que em tal estrela haviam tais enganos,  
Para ser maior hoje o sentimento!

Porém nestes prodígios soberanos,  
Tendo dos Magos vós o entendimento,  
Não podiam ser muitos vossos anos.

SENTIMENTOS D'EL REY D. PEDRO II À MORTE DESTA SERENISSIMA  
SENHORA SUA FILHA PRIMOGENITA.

Se a dar-te vida a minha dor bastara,  
Filha Isabel, de minha dor morrerá,  
E porque minha dor tudo excedera,  
Gêneros novos de sentir buscará.

Se uma vida se dera, ou se emprestara,  
A metade da minha te oferecera,  
Ou toda, porque inveja não tivera  
Outra a metade, que órfã me ficara.

E se a minha alma enfim tua agonia  
Substituir pudera com a sua,  
Tua vida animando a cinza fria:

Inda que a arrojado o mundo o atribua,  
Não só a vida, a alma te daria  
Por melhorá-la com fazê-la tua.

GLOSA

Filha minha Isabel, alma ditosa,

Que do corpo as prisões deseparaste,  
E qual cândida flor, ou fresca rosa  
De teus anos a flor em flor cortaste:  
De minha dor a mágoa saudosa,  
Que por herança d'alma me deixaste,  
Deves crer, que até agora não durara,  
Se a dar-te vida a minha dor bastara.

Não durara até agora a minha mágoa,  
Se fora ela bastante a dar-te vida,  
Porque, vivendo tu, dos olhos a água  
Se enxugara em dous rostos reprimida:  
E sendo o peito humano a própria frágua,  
Onde a dor em licores derretida  
Corre a desafogar: se não correrá,  
Filha Isabel, de minha dor morrerá.

Morrera, Filha minha, e acabara  
De um doce mal, formosa enfermidade:  
Todo o poder do mundo me invejara,  
Pois falta a seu poder esta verdade:  
Com minha morte a vida se trocara,  
Da maior, e mais alta majestade  
Enjeitara tudo, porque nada era,  
E porque a minha dor tudo excedera.

Ficara tão ufano de seguir-te,  
Vivo por te chorar, morto por ver-te,  
Que se pudera crer, que por senir-te  
A ocasião estimara de perder-te:  
E se nesta estranheza de sentir-te  
Não chegara um aplauso a merecer-te,

De uma a outra estranheza me passara,  
Gêneros novos de sentir buscara.

Sangue ondeara a margem deste rio,  
A rosa adoecera em suas cores,  
Da Aurora carmesim fora o rocio,  
Não recendera o ambar entre as flores:  
Fora da natureza um desvario  
A ordem natural de seus primores:  
Mas nada a minha dor necessitara,  
Se uma vida se dera, ou se emprestara.

Se pudera emprestar-te a minha vida,  
Se escusara então meu sentimento:  
Mas ai! que nem o dá-la por perdida  
Remédio pode ser do meu tormento:  
E já, que não é cousa permitida  
Celebrar um contrato tão violento,  
E dar a vida enfim se não tolera,  
A metade da minha te oferecera.

E pois a natureza é tão escassa,  
Que na esfera da sua potestade  
Não cabe por indulto, nem por graça  
Uma vida partir pela metade:  
E inda que o vença amor, indústria, ou traça,  
Me resta outra maior dificuldade,  
De que se hão de invejar, metade dera,  
Ou toda, porque inveja não tivera.

Se a metade da vida, que te ofereço,

Inveja há de causar, à com que fico,  
E sobre dar-lhe inveja à que despeço,  
Que saudades lhe dê me certifico:  
Para livrar-me de um, e outro tropeço,  
Com que nesta partida me complico,  
Sobre a tua metade te largara  
A outra metade, que órfã me ficara.

Dera-te enfim a minha vida toda,  
Que o mais fora desdouro da firmeza,  
Que sempre, quem bem ama, se acomoda  
Fazer a vida altar de uma fineza:  
Dar tudo nunca a amor desacomoda,  
Dera-te a vida, e alma nesta empresa,  
Se a minha vida a morte te alivia,  
E se a minha alma enfim tua agonia.

Ásia filha maior do mar profundo,  
A África do mar soberania,  
Europa exemplar luz de todo o mundo  
E a América do ouro monarquia,  
veriam, com quão ledos, e quão jucundos  
Rosto por ti minha alma despedia,  
Se o calor da minha alma à vida tua  
Substituir pudera com a sua.

O Rouxinol, que canta docemente  
À vista da consorte, que o namora,  
A Rola triste, que ao esposo ausente  
De dia busca, se de noite o chora:  
No ar sutil, na fonte transparente,  
Vendo o fino de uma alma, que te adora,

Pasmariam de ver, como supria  
Tua vida, animando a cinza fria.

A inveja, que do ódio se alimenta,  
A detração, que como espada corta,  
A calúnia, que a todos ensangüenta,  
E a aversão, que os áspides aborta:  
Todos a iníquia mão, língua cruenta  
Mostrariam pasmada, obtusa, absorta;  
Eu só perdera a vida pela tua,  
Inda que a arroj o mundo o atribua.

Pasme de assombro, ou da fineza a terra,  
Trema do caso, ou da estranheza o monte,  
De invejosas as aves se dêem guerra  
De corrido se mude o Horizonte:  
Co'as nuvens indignadas choque a serra,  
Brame o mar, soe o Céu, murmure a fonte,  
Que eu firme nesta minha fantasia  
Não só a vida, a alma te daria.

Dá-la-ia não só por imitar-te,  
Se cabe em minha dor tão alta sorte,  
Senão por despojar-me, e despojar-te  
A mim do sentimento, a ti da morte:  
Não só daria a alma por mostrar-te,  
Que não tenho outro alívio em mal tão forte:  
Senão (pois perde tanto em ser tão sua)  
Por melhorá-la com fazê-la tua.

AO CONDE DE ERICEYRA D. LUIZ DE MENEZES PEDINDO LOUVORES  
AO POETA NÃO LHE ACHANDO ELLE PRESTIMO ALGUM.

Um soneto começo em vosso gabo;  
Contemos esta regra por primeira,  
Já lá vão duas, e esta é a terceira,  
Já este quartetinho está no cabo.

Na quinta torce agora a porca o rabo:  
A sexta vá também desta maneira,  
na sétima entro já com grã canseira,  
E saio dos quartetos muito brabo.  
Agora nos tercetos que direi?  
Direi, que vós, Senhor, a mim me honrais,  
Gabando-vos a vós, e eu fico um Rei.  
Nesta vida um soneto já ditei,  
Se desta agora escapo, nunca mais;  
Louvado seja Deus, que o acabei.

CENSURA QUE FAZ O POETA DESTA TAL CONDE NA SUA DESASTRADA  
MORTE, LANÇANDO-SE DA JANELLA DO SEU JARDIM, ONDE ACABOU  
MISERAVELMENTE POR ALTOS JUIZOS DE DEOS.

Tanta virtude excelente  
de animoso, e de alentado,  
de valeroso soldado,  
e de cortesão valente,  
viu o mundo, e soube a gente,  
que inda que em santo podia  
transformar-se a Senhoria,  
o Conde o não conseguiu,  
porque de noite caiu,  
e o Santo cai no seu dia.

Se o Conde caiu de noite,  
como o teremos por Santo,  
quando a queda um tanto, ou quanto,

teve do divino açoite:  
quis Deus, que o Conde se afoite,  
porque visse o bom Soldado,  
que o Conde de puro honrado  
quis, que o visse a própria terra,  
quanto arrojado na guerra,  
na paz tão precipitado.

Ícaro da nossa guerra  
ares corta o Conde só,  
Ícaro caiu no Pó,  
e o Conde caiu na terra:  
se, porque o rio o enterra,  
o nome lhe ficou dado  
de Ícaro ter sepultado:  
assim porque a terra dura  
deu ao Conde sepultura,  
ficou a terra um condado.

De cera, e pluma se val  
Ícaro para viver,  
e o Conde para morrer  
valeu-se do natural:  
quanto a força artificial  
da natureza é sobrada  
fica a do Conde adiantada,  
porque Ícaro quando bóia  
faz tragédia de tramóia,  
e o Conde de capa, e espada.

Tinha o Conde de morrer;  
todo o mortal nisto pára,  
e se ele se não matara,

quem lho havia de fazer?  
fez bem o Conde a meu ver,  
quando ao jardim se arrojou,  
e entre as flores expirou:  
vento é a vida em rigor,  
e como o Conde era flor,  
entre as flores acabou.

Se ignorou alguns sentidos,  
porque tanto mal se urdiu,  
era valido, e caiu,  
que o cair é dos validos:  
tão certos são, e sabidos  
no monte, no lar, na praça  
estes reveses da graça,  
que é já dos Palácios lei,  
que quem da graça d'EI-Rei  
cai, cai da sua desgraça.

AO MESMO ASSUMPTO E PELO MESMO CASO.

Nesse precipício, Conde,  
fostes Ícaro segundo,  
bem que a Dédalo no mundo  
vossa fama corresponde:  
em parte caístes, onde  
como Ícaro morrestes,  
mas a Dédalo excedestes  
nesses labirintos tristes,  
em fazer no que caístes,  
e em cair, no que fizestes.

Caiu o Conde, e se diz,  
que foi por um caso atroz,

porém já corre outra voz,  
que a esta se contradiz:  
que foram uns frenesis  
do juízo descortês:  
mas eu digo desta vez  
ouvindo do baque o truz,  
que o juízo ao Conde induz  
ter caído, no que fez.

#### ESTRIBILHO

Aqui jaz, em que lhe pes,  
quem tudo fez com má sorte,  
e só na hora da morte  
caiu naquilo, que fez.

A MORTE DO ILLUSTRISSIMO MARQUEZ DE MARIALVA. GENERAL  
DAS ARMAS DE PORTUGAL SOBRE AS PALAVRAS DA ESCRIPTURA  
"PLANDITE ANTE EXEQUIAS ABNER; FIPSE FLEVIT  
DAVID SUPER TUMULUM ABNER."

Quando a morte de Abner David sentia,  
Mandou a seus vassallos, que chorassem,  
E que em lágrimas todos publicassem  
Quanto o Reino lhe deve, e o Rei devia.

Cada qual seu tormento repetia,  
Sem querer, que os dos outros o igualassem  
E todos procuravam, que mostrassem  
As lágrimas dilúvio, a dor porfia.

Pois se a morte de Abner se sente tanto,  
Só por ser General valente, e forte,  
Que move o Reino, e Rei a tanto pranto:

Lamente Portugal, e sinta a Corte  
A morte de Marialva, porque espanto

Foi do mundo, e o pudera ser da Morte.

EPITAFIO AO CORAÇÃO DESTE MESMO GENERAL ENTERRADO  
AOS PÉS D'EL REY D. JOÃO IV.

Aqui jaz o coração  
do mais valente Anibal,  
que restaurou Portugal com a espada de co'a razão:  
aos pés do Rei quarto João  
lhe mandaram dar jazigo,  
para que a todo o perigo  
os dous unidos por lei  
achasse o vassalo ao Rei,  
e tivesse o Rei o amigo.

AO MESMO ASSUMPTO E PELOS MESMOS CONSOANTES

Aqui jaz o coração  
do vassalo mais leal,  
a quem deve Portugal  
o quarto Rei Dom João:  
e assim com justa razão  
lhe dão a seus pés jazigo,  
porque a todo o perigo  
unidos os dous por lei  
achasse a lealdade o Rei,  
tivesse o vassalo amigo.

AO MESMO MARQUEZ SENDO ENTERRADO EM TREZ PARTES.  
O CORPO EM CATANHÉDE; O CORAÇÃO EM S. VICENTE  
DE FORA; E OS INTESTINOS EM SAM JOSÉ DE RIBA MAR.

Em três partes enterrado  
está o corpo do Marquês

de Marialva: porque em dez  
mil seu nome é venerado:  
e foi destino acertado,  
que em tanta parte estivesse,  
para que o mundo soubesse,  
que este valeroso Marte  
morto assiste em qualquer parte,  
como se ainda vivesse.

3 - HOMENS DE BEM  
... homem de bem...

Manuel Pereira Rabelo, licenciado  
o roubo, a injustiça, a tirania.

#### A MORTE DO GOVERNADOR MATHIAS DA CUNHA.

Ó caso o mais fatal da triste sorte!  
Ó terrível pesar! ó dor imensa!  
Quem viu, que em breves dias de doença  
Acabasse valor, que era tão forte!  
  
Quem viu prostrar-se a gala de Mavorte,  
Que hoje em cinza se ve à morte apensa!  
Que como se prostrou, logo a licença  
Concedeu livremente ousada à morte.  
  
Já se vê o valor, que esclarecido  
Foi, em urnas de pedra sepultado  
Do sujeito mais grave, e entendido.  
  
À Parca rigorosa sujeitado,  
Acabado já, e em cinzas consumido  
o esforço, que se viu mais alentado.

AO MESMO ASSUMPTO.

Teu alto esforço, e valentia forte  
Tanto a outro nenhum valor iguala,  
Que teve o céu cobiça de lográ-lo,  
Que teve inveja de vencê-la a morte.

O céu veio a lográ-la, mas por sorte,  
Que por poder não pôde conquistá-la;  
A morte por haver de contrastá-la  
Vigor de lei tomou, e deu-lhe o corte.

Prêmios, que mereceste, e nunca viste,  
Todos com teu valor os desprezaste,  
E com os merecer lhe resististe.

O cargo, que na vida não lograste,  
Esse o mofino é, órfão, e triste,  
Pois te não falta a ti, tu lhe faltaste.

AO MESMO ASSUMPTO.

Quem há de alimentar de luz ao dia?  
Quem de esplendor ilustrará a Nobreza?  
Quem há de dar lições de gentileza  
A toda a gentileza da Bahia?

Já feneceu do mundo a galhardia,  
Melancólica jaz a natureza,  
Vendo em pó reduzida a fortaleza,  
E em cinzas desatada a fidalguia.

O Marte (digo), que ao combate expunha  
O peito sem temor, que ao mundo assombra,  
Sendo da paz terror, da guerra espanto.

Foi este o Senhor Matias da Cunha,  
Que hoje nos dá tornado em fria sombra

Ao discurso pesar, aos olhos pranto.

DISCRIÇÃO, ENTRADA, E PROCEDIMENTO DO BRAÇO DE PRATA  
ANTONIO DE SOUZA DE MENEZES GOVERNADOR DESTE ESTADO.

Oh não te espantes não, Dom Antonio,

Que se atreva a Bahia

Com oprimida voz, com plectro esguio

Cantar ao mundo teu rico feito,

Que é já velho em Poetas elegantes

O cair em torpezas semelhantes.

Da Pulga acho, que Ovídio tem escrito,

Lucano do Mosquito,

Das Rãs Homero, e destes não desprezo,

Que escreveram matérias de mais peso

Do que eu, que canto cousa mais delgada

Mais chata, mais sutil, mais esmagada.

Quando desembarcaste da fragata,

Meu Dom Braço de Prata,

Cuidei, que a esta cidade tonta, e fátua

Mandava a Inquisição alguma estátua

Vendo tão espremida salvajola

Visão de palha sobre um Mariola.

O rosto de azarcão afogueado,

E em partes mal untado,

Tão cheio o corpanzil de godolhões,

Que o julguei por um saco de melões;

Vi-te o braço pendente da garganta,

E nunca prata vi com liga tanta.

O bigode fanado feito ao ferro

Está ali num desterro,

E cada pêlo em solidão tão rara,  
Que parece ermitão da sua cara:  
Da cabeleira pois afirmam cegos,  
Que a mandaste comprar no arco dos pregos.

Olhos cagões, que cagam sempre à porta,  
Me tem esta alma torta,  
Principalmente vendo-lhe as vidraças  
No grosseiro caixilho das couraças:  
Cangalhas, que formaram luminosas  
Sobre arcos de pipa duas ventosas.

De muito cego, e não de malquerer  
A ninguém podes ver;  
Tão cego és, que não vês teu prejuízo  
Sendo cousa, que se olha com juízo:  
Tu és mais cego, que eu, que te sussurro,  
Que em te olhando, não vejo mais que um burro.

Chato o nariz de cocras sempre posto:  
Te cobre todo o rosto,  
De gatinhas buscando algum jazigo  
Adonde o desconheçam por embigo:  
Até que se esconde, onde mal o vejo  
Por fugir do fedor do teu bocejo.

Faz-lhe tal vizinhança a tua boca,  
Que com razão não pouca  
O nariz se recolhe para o centro  
Mudado para os baixos lá de dentro:  
Surge outra vez, e vendo a bafarada  
Lhe fica a ponta um dia ali engasgada.

Pernas, e pés defendem tua cara:

Valha-te; e quem cuidara,  
Tomando-te a medida das cavernas  
Se movesse tal corpo com tais pernas!  
Cuidei, que eras rocim das alpujarras,  
E já frisão te digo pelas garras.

Um casaquim trazias sobre o couro,  
Qual odre, a quem o Touro  
Uma, e outra cornada deu traidora,  
E lhe deitou de todo o vento fora;  
Tal vinha o teu vestido de enrugado,  
Que o tive por um odre esfuracado.

O que te vir ser todo rabadilha  
Dirá que te perfilha  
Uma quaresma (chato percevejo)  
Por Arenque de fumo, ou por Badejo:  
Sem carne, e osso, quem há ali, que creia,  
Senão que és descendente de Lampreia.

Livre-te Deus de um Sapateiro, ou Sastre,  
Que te temo um desastre,  
E é, que por sovela, ou por agulha  
Arme sobre levar-te alguma bulha:  
Porque depositando-te à justiça  
Será num agulheiro, ou em cortiça.

Na esquerda mão trazias a bengala  
ou por força, ou por gala:  
No sovaco por vezes a metias,  
Só por fazer enfim descortesias,  
Tirando ao povo, quando te destapas,  
Entonces o chapéu, agora as capas.

Fundia-se a cidade em carcajadas,  
Vendo as duas entradas,  
Que fizeste do Mar a Santo Inácio,  
E depois do colégio a teu palácio:  
O Rabo erguido em cortesias mudas,  
Como quem pelo cu tomava ajudas.

Ao teu palácio te acolheste, e logo  
Casa armaste de jogo,  
Ordenando as merendas por tal jeito,  
Que a cada jogador cabe um confeito:  
Dos Tafuis um confeito era um bocado,  
Sendo tu pela cara o enforcado.

Depois deste em fazer tanta parvoíce,  
Que inda que o povo risse  
Ao princípio, cresceu depois a tanto,  
Que chegou a chorar com triste pranto:  
Chora-te o nu de um roubador de falso,  
E vendo-te eu direito, me descalço.

Xinga-te o negro, o branco te pragueja,  
E a ti nada te aleija,  
E por teu sensabor, e pouca graça  
És fábula do lar, riso da praça,  
Té que a bala, que o braço te levava,  
Venha segunda vez levar-te a cara.

SUBTILEZA COM QUE O POETA SATYRIZA À ESTE GOVERNADOR.

Tempo, que tudo trasfegas,  
fazendo aos peludos calvos,  
e pelos tornar mais alvos  
até os bigodes esfregas:

todas as caras congregas,  
e a cada uma pões mudas,  
tudo acabas, nada ajudas,  
ao rico pões em pobreza,  
ao pobre dás a riqueza,  
só para mim te não mudas.

Tu tens dado em mal querer-me,  
pois vejo, que dá em faltar-te  
tempo só para mudar-te, s  
e é para favorecer-me:  
por conservar-me, e manter-me  
no meu infeliz estado,  
até em mudar-te hás faltado,  
e estás tão constante agora,  
que para minha melhora  
de mudanças te hás mudado.

Tu, que esmaltas, e prateias  
tanta gadelha dourada,  
e tanta face encarnada  
descoras, turbas, e afeias:  
que sejas pincel, não creias,  
senão dias já passados;  
mas se esmaltes prateados  
branqueiam tantos cabelos,  
como, branqueando pêlos,  
não me branqueias cruzados?

Se corres tão apressado,  
como paraste comigo?  
corre outra vez, inimigo,  
que o teu curso é meu sagrado:

corre para vir mudado,  
não pares por mal de um triste:  
porque, se pobre me viste,  
paraste há tantas auroras,  
bem de tão infaustas horas  
o teu relógio consiste.

O certo é, seres um caco,  
um ladrão da mocidade,  
por isso nesta cidade  
corre um tempo tão velhaco:  
farinha, açúcar, tabaco  
no teu tempo não se alcança,  
e por tua intemperança  
te culpa o Brasil inteiro,  
porque sempre és o primeiro  
móvel de qualquer mudança.

Não há já, quem te suporte;  
e quem armado te vê  
de fouce, e relógio, crê,  
que és o percussor da morte:  
vens adiante de sorte,  
e com tão fino artifício,  
que à morte forras o ofício;  
pois ao tempo de morrer,  
não tendo já que fazer,  
perde a morte o exercício.

Se o tempo consta de dias,  
que revolve o céu opaco,  
como tu, tempo velhaco,  
constas de velhacarias?

não temas, que as carestias,  
que de ti se hão de escrever,  
te darão a aborrecer  
tanto as futuras idades,  
que, ouvindo as tuas maldades,  
a cara te hão de torcer.

Se, porque penas me dês,  
paras cruel, e inumano,  
o céu santo, e soberano  
te fará mover os pés:  
esse azul móvel, que vês,  
te fará ser tão corrente,  
que não parando entre a gente,  
preveja a Bahia inteira,  
que há de correr a carreira  
com pregão de delinqüente.

A PRIZÃO QUE FEZ ESTE GOVERNADOR À SEU  
CREADO O BRAÇO FORTE.

Preso entre quatro paredes  
me tem Sua Senhoria  
por golotão de despachos,  
por fundidor de mentiras.  
Dizem, que sou um velhaco,  
e mentem por vida minha,  
que o velhaco era o Governo,  
e eu sou a velhacaria.  
Quem pensara, e quem dissera,  
quem cuidara, e quem diria,  
que um braço de prata velha  
pouca prata, e muita liga!

Tanto mais que o Braço Forte  
fosse forte, que poria  
um cabo de calabouço,  
e um soldado de golilha!  
Porém eu de que me espanto,  
se nesta terra maldita  
pode uma onça de prata  
mais que dez onças de alquímia.  
Quem me chama de ladrão,  
erra o trincho à minha vida,  
fui assassino de furtos,  
mandavam-me, obedecia.  
Despachavam-me a furtar;  
eu furtava, e abrangia,  
e são boas testemunhas  
inventários, e partilhas.  
Eu era o ninho de guincho,  
que sustentava, e mantinha  
com suor das minhas unhas  
mais de dez aves rapinhas.  
O Povo era, quem comprava,  
o General, quem vendia,  
eu triste era o corretor  
de tão torpes mercancias.  
Vim depois a enfadar,  
que sempre no mundo fica  
aborrecido o traidor,  
e a traição muito bem vista.  
Plantar de fora o ladrão,  
quando a ladroíce fica,  
será limpeza de mãos,  
mas de mãos mui pouco limpas.

Eles cobraram o seu  
dinheiro, açúcar, farinha,  
até a mim me embolsaram  
nesta hedionda enxovia.  
Se foi bem feito, ou mal feito,  
o sabe toda a Bahia,  
mas se a traição ma fizeram,  
com eles a traição fica.  
Eu sou sempre o Braço Forte,  
e nesta prisão me anima,  
que se é casa de pecados,  
os meus foram ninharias.  
Todo este mundo é prisão,  
todo penas, e agonias,  
até o dinheiro está preso  
em um saco, que o oprima.  
A pipa é prisão do vinho,  
e da água fugitiva  
(sendo tão leve, ligeira)  
é prisão qualquer quartinha.  
Os muros de pedra, e cal  
são prisão de qualquer vila,  
d'alma é prisão o corpo,  
do corpo é qualquer almilha.  
A casca é prisão das frutas,  
da rosa é prisão a espinha,  
o mar é prisão da terra,  
a terra é prisão das minas.  
É cárcere do ar um odre,  
do fogo é qualquer pedrinha,  
e até um céu de outro céu

é uma prisão cristalina.

Na formosura, e donaire  
de uma muchacha divina

está presa a liberdade,  
e na paz a valentia.

Pois se todos estão presos,  
que me cansa, ou me fadiga,  
vendo-me em casa d'EI-Rei  
junto à Sua Senhoria?

Chovam prisões sobre mim,  
pois foi tal minha mofina,  
que, a quem dei cadeias d'ouro,  
de ferro mas gratifica.

A DESPEDIDA DO MAO GOVERNO QUE FEZ ESTE GOVERNADOR.

Senhor Antão de Sousa de Meneses,  
Quem sobe a alto lugar, que não merece,  
Homem sobe, asno vai, burro parece,  
Que o subir é desgraça muitas vezes.

A fortunilha autora de entremezes  
Transpõe em burro o Herói, que indigno cresce  
Desanda a roda, e logo o homem desce,  
Que é discreta a fortuna em seus reveses.

Homem (sei eu) que foi Vossenhoria,  
Quando o pisava da fortuna a Roda,  
Burro foi ao subir tão alto clima.

Pois vá descendo do alto, onde jazia,  
Verá, quanto melhor se lhe acomoda  
Ser home em baixo, do que burro em cima.

SUCCEDE A ESTE GOVERNADOR O MARQUEZ DAS MINAS  
COM SEU FILHO O CONDE DO PRADO, DESFAZENDO TODAS

AS SUAS OBRAS, E MANDANDO VIR OS PRINCIPAES DA BAHIA  
DO DESTERRO, EM QUE ANDAVÃO, PELA MORTE, QUE OUTROS  
DERAM AO ALCAYDE MÔR FRANCISCO TELLES.

MOTE

De flores, e pedras finas  
floresce, e enriquece o Estado,  
floresce sim pelo Prado,  
e enriquece pelas Minas:  
As Aves, que peregrinas  
aos montes se retiraram,  
nesta manhã já cantaram  
com tão doce melodia,  
que a noite se tornou dia,  
porque as penas se acabaram.

Já da Primavera entrou  
a alegre serenidade,  
com que toda a tempestade  
do triste inverno acabou:  
já Saturno declinou  
nas operações malignas,  
com influências benignas  
Júpiter predominante  
nos promete ano abundante  
De flores, e pedras finas.

Se destes aspectos tais  
bem se calcula a figura,  
teremos grande fartura,  
não há de haver fome mais:  
mostras temos, e sinais

de um tempo muito abastado:  
porque bem considerado  
dele tem o próprio efeito;  
já vemos, que a seu respeito  
Floresce, e enriquece o Estado.

Para ser enriquecido  
este Estado, e florescente,  
temos a causa patente  
no Planeta referido:  
nem se equivoca o sentido  
no efeito aqui declarado:  
porque sendo bem notado  
o estado, como parece,  
se pelo mais não floresce,  
Floresce sim pelo Prado.

Pelo Prado flor a flor  
se vai a terra esmaltando,  
com que o clima está mostrando  
temperamento melhor:  
do Luminar superior  
por tais influências dignas  
sendo as pedras, e boninas  
da terra únicos primores  
pois se esmalta pelas flores,  
E enriquece pelas Minas.

Na terra já se experimentam  
virações tão temperadas,  
que as aves determinadas  
tornar aos ninhos intentam:  
já não sentem, nem lamentam

tempestuosas ruínas,  
pois com salvas matutinas  
se mostram tão prazenteiras,  
que mais parecem caseiras  
As aves, que peregrinas.

Sua peregrinação  
influxo foi de Saturno,  
Planeta sempre noturno,  
e muito importuno então:  
todas nessa conjunção  
seus doces ninhos deixaram,  
e tanto se recearam  
do nocivo temporal,  
que escolhendo o menor mal,  
Aos montes se retiraram.

Porém tanto que sentiram  
haver no tempo mudança,  
sem receio, e sem tardança  
aos ninhos se reduziram:  
outros ares advertiram,  
outra clemência notaram,  
com que alegres publicaram  
dos astros os movimentos,  
e com festivos acentos  
Nesta manhã já cantaram.

Cantaram para mostrar  
com repetidas cadências  
singulares excelências  
de um Planeta singular:  
tal doçura no cantar

não se ouviu nesta Bahia,  
ouvindo-se na harmonia  
modulações tão suaves,  
que nunca cantaram aves  
com tão doce melodia.

Cada qual com voz sonora  
nos mutetes, que cantavam,  
por mil modos explicavam  
de todo estado a melhora:  
cada instante, e cada hora  
a música mais se ouvia;  
no Prado resplandecia  
por modo maravilhoso  
um lustre tão luminoso  
que a noite se tornou dia.

Entre as aves modulantes,  
que este nosso País tem  
todas cantavam o bem,  
de que são participantes:  
dos males, que foram dantes,  
todas também se queixaram;  
assim que todas mostraram  
com alegrias notórias,  
que começaram as glórias,  
Porque as penas se acabaram.

A SEU FILHO O CONDE DO PRADO, DE QUEM ERA O POETA  
BEM VISTO, ESTANDO RETIRADO NA PRAIA GRANDE, LHE  
DÁ CONTA DOS MOTIVOS, QUE TEVE PARA SE RETIRAR DA  
CIDADE, E AS GLORIAS, QUE PARTICIPA NO RETIRO.

Daqui desta Praia grande,  
Onde à cidade fugindo,

conventual das areias  
entre os mariscos habito:  
A vós, meu Conde do Prado,  
a vós, meu Príncipe invicto,  
Ilustríssimo Mecenas  
de um Poeta tão indigno.  
Enfermo de vossa ausência  
quero curar por escrito  
sentimentos, e saudades,  
lágrimas, penas, suspiros.  
Quero curar-me convosco,  
porque é discreto aforismo,  
que a causa das saudades  
se empenhe para os alívios.  
Ausentei-me da Cidade,  
porque esse Povo maldito  
me pôs em guerra com todos,  
e aqui vivo em paz comigo.  
Aqui os dias me não passam,  
porque o tempo fugitivo,  
por ver minha solidão,  
pára em meio do caminho.  
Graças a Deus, que não vejo  
neste tão doce retiro  
hipócritas embusteiros,  
velhacos entremetidos.  
Não me entram nesta palhoça  
visitadores prolixos,  
políticos enfadonhos,  
cerimoniosos vadios.  
Uns néscios, que não dão nada,

senão enfado infinito,  
e querem tirar-me o tempo,  
que me outorga Jesu Cristo.

Visita-me o lavrador  
sincero, simples, e liso,  
que entra co'a boca fechada,  
e sai co queixo caído.

En amanhecendo Deus,  
acordo, e dou de focinhos  
co sol sacristão dos céus  
toca aqui, toca ali signos.

Dou na varanda um passeio,  
ouço cantar passarinhos  
docemente, ao que eu entendo,  
exceto a letra, e o tonilho.

Vou-me logo para a praia,  
e vendo os alvos seixinhos,  
de quem as ondas murmuram  
por mui brancos, e mui limpos:  
os tomo em minha desgraça  
por exemplo expresso, e vivo,  
pois ou por limpo, ou por branco  
fui na Bahia mofino.

Queimada veja eu a terra,  
onde o torpe idiotismo  
chama aos entendidos néscios,  
aos néscios chama entendidos.

Queimada veja eu a terra  
onde em casa, e nos corrilhos  
os asnos me chamam d'asno,  
parece cousa de riso.  
eu sei um clérigo zote

parente em grau conhecido  
destes, que não sabem musa,  
mau grego, e pior latino:  
Famoso em cartas, e dados  
mais que um ladrão de caminhos,  
regatão de piaçavas,  
e grande atravessa-milhos:  
Ambicioso, avarento,  
das próprias negras amigo  
só por fazer a gaudere,  
o que aos outros custa jimbo.  
Que se acaso em mim lhe falam,  
torcendo logo o focinho,  
ninguém me fale nesse asno,  
responde com todo o siso.  
Pois agora (pergunto eu)  
se Job fora ainda vivo  
sofrera tanto ao diabo,  
como eu sofro este percito?  
Também sei, que um certo Beca  
no pretório presidindo,  
onde é salvage em cadeira,  
me pôs asno de banquinho.  
Por sinal que eu respondi,  
a quem me trouxe este aviso,  
se fosse asno, como eu sou,  
que mal fora a esse Ministro.  
Eu era lá em Portugal  
sábio, discreto, e entendido,  
Poeta melhor, que alguns,  
douto como os meus vizinhos.

Chegando a esta cidade,  
logo não fui nada disto:  
porque o direito entre o torto  
parece, que anda torcido.  
Sou um herege, um asnote,  
mau cristão, pior ministro,  
mal entendido entre todos,  
de nenhum bem entendido.  
Tudo consiste em ventura,  
que eu sei de muitos delitos  
mais graves que os meus alguns,  
porém todos sem castigo.  
Mas não consiste em ventura,  
e se o disse, eu me desdigo;  
pois consiste na ignorância  
de Idiotas tão supinos.  
De noite vou tomar fresco,  
e vejo em seu epiciclo  
a lua desfeita em quartos  
como ladrão de caminhos.  
O que passo as mais das noites,  
não sei, e somente afirmo,  
que a noite mais negra, escura  
em claro a passo dormindo.  
Faço versos mal limados  
a uma Moça como um brinco,  
que ontem foi alvo dos olhos,  
hoje é negro dos sentidos.  
Esta é a vida, que passo,  
e no descanso, em que vivo,  
me rio dos Reis de Espanha  
em seu célebre retiro.

Se, a quem vive em solidão,  
chamou beato um gentio,  
espero em Deus, que hei de ser  
por beato inda benquisto.  
Mas aqui, e em toda a parte  
estou tão oferecido  
às cousas do vosso gosto,  
como de vosso serviço.

AO CONDE DO PRADO EMBARCANDO-SE PARA PORTUGAL  
EM COMPANHIA DE SEU PAY, DEPOIS DE TER ACABADO  
O TEMPO DE SEU GOVERNO LHE FAZ O POETA ESTAS SAUDOSAS DESPEDIDAS

Generoso Dom Francisco,  
mais que Conde Rei do prado,  
porque se a Rosa é Rainha,  
rei sois vóis, pois sois o Cravo.  
Majestoso ramilhete  
por cuja causa logramos  
trinta e seis meses de flores,  
que um mês fizeram de Maio.  
Luminar esclarecido,  
em quem tanto estão brilhando  
as luzidas excelências  
desses ascendentes Astros.  
Ouvi de meus sentimentos  
a voz, inda que o reparo  
note, que para a matéria  
o instrumento é mui baixo.  
Ouvi meus saudosos tonos,  
que é bem, Senhor Soberano,  
que, quem deu assunto à solfa,  
se digne de ouvir os cantos.

Neste papel ponde os olhos,  
pois já quisestes dignar-vos  
de verdes da minha Musa  
noutro tempo outro traslado.

Naquele tempo, então digo,  
quando escapei são, e salvo  
por vosso bom patrocínio  
de mil testemunhos falsos.

Quando viu toda a Bahia  
no decurso de três anos  
sempre em flor vosso carinho,  
nunca murcho o vosso agrado

Aqui mil órgãos quisera,  
para que com mil meatos  
sempre ferisse os encômios,  
onde soam os aplausos.

Mas inda assim não podiam  
entender-se os vôos tanto,  
que não ficassem sucintos  
para elogios tão altos.

Aquele ligeiro monstro,  
que nas presunções de alado  
pelas plumas marca os vôos,  
pelos vôos mede os passos.

Só pode com nova tuba  
referir em pregões altos  
os timbres da vossa pompa,  
as prendas do vosso garbo.

Referirá, Senhor Conde,  
que sempre os feitos preclaros  
têm por doação dos tempos

da Fama os maiores brados.  
Esta vai com grande empenho  
desta Praça, para dar-vos  
sobre as aras do meu trono  
da memória os holocaustos.  
Digo, que vai desta Praça,  
onde em público teatro  
vemos do melhor governo  
os mais heróicos ensaios.  
Do Mestre as prerrogativas  
toquei em hino mais amplo  
por ver-se nas lições suas  
da pena o primeiro aparato.  
Aqui dos seus documentos  
nada digo, nada trato,  
que pois o assunto é só vosso,  
só convosco agora falo.  
Só convosco, porque o gênio,  
que é para pouco trabalho,  
mal pode ser juntamente  
Jardineiro, e Lapidário.  
Tanto que vos embarcastes,  
logo então fiquei notando,  
que na falta do presente  
se conhece o bem passado.  
Por vossa ausência às escuras  
fica a terra, e não me espanto,  
de que quando o sol se ausenta,  
se ausente da Luz os raios.  
A vista dos nossos olhos  
éreis; com que fica claro,  
pois, meu Senhor, vos perdemos,

que sem vós cegos ficamos.

A vossa falta sentimos

geralmente neste estado,

que sentir-se a grande perda

efeito é muito ordinário.

Sente o grande, que não tem

o Prado alegre em Palácio,

o gentil Cravo na rua,

a Flor brilhante no Campo.

Sente igualmente o pequeno

não ter em seus desamparos

abrigo para a tormenta

e tábua para o naufrágio.

Eu sinto, e sentimos todos,

que fosse tão breve o prazo

dos objetos para a vista,

da vista para os regalos.

Mas não podia o triênio,

sendo um bem dos bens humanos,

deixar de incluir o logro

nos termos de momentâneo.

Nesta suposição nossa

concorrem motivos vários

uns por parte dos alvíos,

outros em favor dos prazos.

Mas prevalecem as penas,

que os corações magoados,

quando a dor mais dissimulam,

então estão mais penando.

Não permita vossa ausência,

no sentimento intervalos,

que no mal sempre contino  
nunca desconsolos faltam.  
Vossa saudade gememos  
nossa solidão choramos  
se na solidão chorosos,  
na saudade solitários.  
Nesta assistência tão breve  
nos mostrou o desengano  
não ser para pecadores  
o comércio de tal Anjo.

A MORTE DESTE CONDE SUCCEDIDA NO MAR QUANDO  
SE RETIRAVA PARA LISBOA.

Do Prado mais ameno a flor mais pura,  
Que em fragrâncias o alento há desatado,  
Hoje a fortuna insípida há roubado  
A pompa, o ser, a gala, a formosura.

Flor foste, ó Conde, a quem a desventura  
Por decreto fatal do iníquo fado  
Quis dar-te como flor do melhor Prado  
Tumba no mar, nas águas sepultura.

Porque menos decente o monumento  
Poderias achar no infeliz caso  
De ver extinto tanto luzimento.

Por magnânimo herói no final prazo  
Somente na extensão desse elemento  
Terias como sol decente ocaso.

AO MESMO ASSUMPTO.

Em essa de cristal campanha errante  
Da morte um peito ilustre foi vencido,

Mágoa, que o mar chorava fementido  
Com lágrimas de neve, ou de diamante.

Neste teatro horrível, e inconstante  
Aos rigores do tempo pôs rendido  
A sua pompa o Prado mais florido,  
Fim a seu curso o sol mais rutilante.

Como Prado em tormentas inundado,  
Como sol, que apressado a esfera corre,  
Teve o seu fim nas águas destinado.

Por que se bem se adverte, ou se discorre,  
Se o mar inunda, se sepulta o prado,  
E se fenece o sol, nas ondas morre.

#### AO MESMO ASSUMPTO.

No Reino de Netuno submergido  
Nos campos de Anfitriote sepultado  
Tem a Sorte a mais bela Flor, que o Prado  
Em sua amenidade há produzido.

Os realces ilustres tem perdido,  
porque a Parca os alentos lhe há roubado,  
cuja memória os mares têm chorado,  
cuja lembrança as águas têm sentido.

Mas se de flor, ó Conde a preminência  
Gozavas em teu florido viver,  
Que muito não tivesses existência!

Pois a flor, que mais pompa vem a ter  
Se pondera em uma hora sem falência  
Sujeita à pensão fera de morrer.

AO MESMO ASSUMPTO.

Nasce el sol de los astros presidente  
Principe en las esferas conocido,  
Y aunque el dia le mira el mas luzido,  
La noche se le atreve irreverente.

Sirve le de sepulchro transparente  
El mar, pension fatal de haver nascido,  
Pues el que en todo un ciclo nó ha cabido,  
Le viene a ser el mar urna decente.

Sol fuiste, Conde ilustre, en la nobleza,  
A quien la triste noche se le atreve,  
Pues es el morir del sol naturaleza.

Hallaste como el sol tumba de nieve,  
Pues siendo corto el sol à tu grandeza,  
Solo à tal sol tal urna se le deve.

AO GOVERNADOR ANTONIO LUIZ GLZ. DA CAMARA COUTINHO  
EM DIA DE REYS OBSEQUEA O POETA PEDINDOLHE EM NOME  
DE HUM AMIGO HUMA DAQUELLAS ESMOLLAS,  
QUE SUA MAGESTADE CONSIGNA DO REAL THESOURO CADA HUM ANNO  
PARA OS HOMENS DE BEM, A QUE CHAMÃO MERCÉ ORDINARIA.

Num dia próprio a liberalidades,  
No qual o Rei dos Reis aos Reis aceita,  
Não é muito, que quem Rei vos respeita,  
Vos troque a Senhoria em majestades.

Obriga-me a pedir calamidades  
A que o meu fado triste me sujeita,  
Obriga-vos a dar a mão perfeita,  
Com que sabeis matar necessidades.

Chegaram hoje os Reis do diversório

A tributar incenso, mirra, e ouro,  
Fazendo do presépio um oratório:

Se guiou aos três Reis Planeta Louro,  
Guie-me a minha estrela o peditório,  
Com que na vossa mão ache um tesouro.

EMPENHA O POETA PARA CONSEGUIR ESTA MERCÉ AO CAPITÃO DA  
GUARDA LUIZ FERREYRA DE NORONHA SEU PARTICULAR CRIADO.

Senhor: se quem vem, não tarda,  
vim eu em boa ocasião,  
pois da Guarda o capitão  
é Anjo da minha guarda:  
vossa presença galharda,  
vossa dócil natureza  
bem mostram, que sois na empresa  
da minha fortuna imensa  
capitão pela defesa  
Anjo pela gentileza.

Obrigado a tão bom trato,  
que em mim é lance infalível,  
o desempenho impossível  
temo, que me faça ingrato:  
mas como já me precató  
de tão previsto desar,  
que eu não basto a desviar,  
sirva de escusa, ou perdão,  
que não falta à gratidão,  
quem se peja de faltar.

Na Corte em era oportuna  
vistes a minha abastança,

hoje vereis a mudança  
da minha infausta fortuna:  
de estrela tão importuna  
dera uma justa querela,  
porque hajais de corrige-la:  
mas no mundo é já patente,  
que como sábio, e prudente  
dominastes minha estrela.

Mudei-me de ponto a ponto  
de Portugal ao Brasil,  
lá deixo infortúnios mil,  
acho cá ditas sem conto:  
co'as ditas é, que de ponto  
a desgraça lá passada,  
e a graça considerada  
está em vós, meu capitão,  
que a dita está na eleição  
da sombra, a que está chegada.

A PEDITORIO DOS PRETOS DE NOSSA SENHORA DO ROSARIO  
FEZ O POETA O SEGUINTE MEMORIAL PARA O MESMO GOVERNADOR,  
IMPETRANDO LICENÇA PARA SAIREM MASCARADOS À HUMA OSTENTAÇÃO  
MILITAR, A QUE CHAMAVÃO ALARDE.

Senhor: Os Negros Juízes  
da Senhora do Rosário  
fazem por uso ordinário  
alarde nestes Países:  
como são tão infelizes,  
que por seus negros pecados  
andam sempre emascarados  
contra a lei da policia,  
ante Vossa Senhoria  
pedem licença prostrados.

A um General Capitão  
suplica a Irmandade preta,  
que não irão de careta,  
mas descarados irão:  
todo o negregado Irmão  
desta Irmandade bendita  
pede, que se lhe permita  
ir ao alarde enfrascados,  
não de pólvora atacados,  
calcados de jeribita.

OUTRO MEMORIAL POR HUM SEU SOBRINHO, QUE DESEJAVA  
SENTAR PRAÇA DE SOLDADO.

Senhor: deste meu Sobrinho  
afirmou um Padre tolo,  
que é furado do miolo,  
sendo o tal Padre o tolinho:  
não é doudo, nem doudinho,  
falando na realidade,  
mas se hei de dizer verdade,  
e nada hei de encobrir,  
anda morto por servir  
aqui Sua Majestade.

Pode Vossa Senhoria,  
se nisto acertar deseja,  
permitir, que o Moço seja  
soldado de Infantaria:  
e se alcançar algum dia,  
que falei afeiçoado,  
eu me dou por condenado,  
e sem recurso nenhum

a servir sem soldo algum  
em lugar deste Soldado.

AO MESMO GOVERNADOR SUBTILMENTE REMOQUEIA O POETA  
AO DESCUIDAR-SE DE SUA HONRADA SUPPLICA SOBRE A  
MERCÉ ORDINÁRIA, LEMBRANDOLHE, QUE Á DERA A HUM  
SOLDADO RIDICULO CHAMADO O FARIA, POR QUEM NAQUELLE TEMPO  
CANTAVÃO OS CHULOS  
"A MULHER DO FARIA VAY PARA ANGOLLA".

Sei eu, Senhor, que Vossa Senhoria

Mandou dar ao Faria um bom vestido,

Sendo, que mais o tinha merecido

A mulher do mesmíssimo Faria

Provo: todo o prazer, gosto, e alegria,

Que se tem do Faria deduzido,

O deu sempre a Mulher, nunca o Marido.

Que ela ia pra Angola, e ele não ia.

Assim que se a Mulher vai para Angola,

E ele fica na infame lupanária,

Sua ausência cruel pondo à viola:

Tiro por consequência temerária,

Que à Mulher se lhe deve dar a esmola,

Que em crítico se diz mercê ordinária.

TORNA O POETA A INVOCAR LUIZ FERREYRA DE NORONHA.

Se da Guarda pareceis

Anjo sobre capitão,

não é novidade não,

que de males nos livresis:

dobrado ofício fazeis

em qualquer nossa aflição,

pois com nobre coração

nos livrais amante interno,  
se como Anjo do inferno,  
do mais como capitão.

ATHE AQUI NÃO ERA AINDA VINDA A MERCÉ ORDINÁRIA.  
E NO DIA, EM QUE O GOVERNADOR FEZ ANNOS LHE MANDOU  
O SEGUINTE SONETO.

Quem, Senhor, celebrando a vossa idade,  
Os anos com prazer vos vai contando,  
Parece, que vos vai aproximando  
Para lograr tal dia a vossa herdade.

Se a conta vos chegara a eternidade,  
Contente vo-la iria numerando,  
Mas dá-me desprazer a conta, quando  
Temo a raia tocar da mortandade.

Com olhos sempre postos na Ordinária  
Vos dou os parabéns sem falso engano  
De ver-vos contrastando a sorte vária.

Mas se por fim me dais o desengano  
(que em vós seria cousa extraordinária)  
Direi, que em tal dia fará um ano.

A D. JOÃO DALENCASTRE VINDO DO GOVERNO DE ANGOLLA,  
ASSISTINDO NO MESMO PALACIO, QUEIXANDO-SE, DE QUE O  
POETA O NÃO VISITASSE, E PEDINDOLHE HUMA  
SATYRA POR OBSEQUIO.

A quem não dá aos fiéis  
perdão, se lhe há de outorgar,  
eu hoje vos hei de dar,  
pedindo me perdoeis:  
dou-vos, o que mais quereis,  
e o que pedis por favor,

que quando chega um Senhor  
a pedir, por não mandar,  
mal lhe podia eu faltar  
cuma sátira em louvor.

Não fui beijar-vos a mão,  
e dar-vos a bem chegada,  
porque nessa alta morada  
nunca tive introdução:  
até agora a indignação  
não quis tão altivo trato,  
mas hoje é quase distrato,  
porque em todo mundo inteiro  
de fidalgo, e de escudeiro  
são brincos de cão com gato.

Os Fidalgos, e os Senhores  
faltos de jurisdição  
fazem tudo, e tudo dão  
a amigos, e servidores:  
os que jogam de maiores  
por sangue, e não por poder  
fazem jogo de entreter:  
porque o sangue desigual  
sempre brota ao natural,  
e o mando bota a perder.

Perdoai a digressão,  
porque esta prolixidade  
é boa luz da verdade,  
e escusa a sátira então:  
quando se ofereça ocasião,  
meu Senhor, de que eu vos veja

(na Igreja, ou na rua seja)  
hei de prender-vos os pés,  
e estai certo, que essa vez  
vos não valerá a Igreja.

Estou na minha quintinha,  
que é chácara soberana,  
ora comendo a banana,  
jogando ora a laranjinha:  
nem vizinho, nem vizinha  
tenho, porque sempre cansa  
quem vê tudo, e nada alcança,  
e na cidade são raros  
os olhos, que não são claros,  
se olhos são de vizinhança.

Mas inda que desterrado  
me tem o fado, e a sorte  
por um Juiz de má morte,  
de quem não tenho apelado:  
é hoje, que sois chegado,  
Senhor, o tempo, em que apele;  
fazei, que El-Rei o desvele  
pagar o serviço meu,  
pois é bizarro, e só  
eu não vim muito pago dele.

A JOÃO PLZ. DA CAMARA COUTINHO FILHO DO MESMO GOVERNADOR  
TOMANDO POSSE DE HUMA GINETA EM DIA DE S. JOÃO  
BAPTISTA, E LHE ASSISTIO DE SARGENTO D. JOÃO  
DE LANCASTRO SEU THIO VINDO DO GOVERNO DE ANGOLLA.

No culto, que a terra dava,  
equivocava-se a vista,  
se celebrava o Batista,

se ao Coutinho festejava:  
um e outro João estava  
arrojando à sua planta  
tanto aplauso, e festa tanta:  
mas viu-se, que ao mesmo dia,  
em que o Batista caía,  
o Coutinho se levanta.

Viu-se, que um João Batista  
na terça-feira caíra,  
e que outro João subira  
a imperar esta conquista:  
mas não se enganou a vista  
por desacerto, ou desgraça,  
antes com divina traça  
se notou, e se advertiu,  
que se um com graça caiu,  
outro nos caiu em graça.

Braba ocorrência se achou  
no martirológio então,  
o dia era de um João,  
e outro João lhe levou:  
toda a cidade assentou  
por razão, se por carinho  
ser mais acerto, e alinhio  
preferir entre dous grandes  
como um Silva a um Fernandes  
a um Batista um Coutinho.

Mais ocorrências se leram,  
porque pasmasse a Bahia,  
dous num dia há cada dia,

mas três nunca concorreram:  
três de um nome então vieram,  
e qual mais para aplaudido,  
e assim confuso, e sentido  
ficou com tão nova traça  
restaurada a nossa Praça  
e o Calendário aturdido.

Se de um só João no dia  
se abalava a cristandade,  
por três de tal qualidade  
quem se não abalaria!  
tudo quanto então se via,  
se via com grande abalo,  
um mar de fogo a cavalo,  
a pé um Etna de flores,  
e por ver tantos primores  
o Céu dava tanto estalo.

A ver o grande Alencastro  
quem não fez do aperto graça:  
se saiu o sol à praça  
fazer praça a tanto Astro?  
o bronze pois, e alabastro  
por solenizar a glória  
consentirão, que esta história  
fique por mais segurança  
nos arquivos da lembrança  
nos volumes da memória.

AO MESMO ASSUMPTO.

Entre aplausos gentis com luz preclara

Resplandece do sol a monarquia,  
E o Príncipe da Luz, que o céu regia  
Estático a carroça ardente pára.

E com razão: pois vê, se bem repara,  
outro novo Faetonte neste dia,  
E sente arder o mundo, como ardia,  
Quando ao filho o governo delegara.

Pare pois, e repare, que o decreta  
Astréia, porque aprenda no alto pólo  
Ditames de luzir deste Planeta.

Sua fama andaré de pólo a pólo,  
Pois o Jove, que empunha uma gineta,  
Faetonte é na luz, no garbo Apolo.

GENEALOGIA QUE O POETA FAZ DO GOVERNADOR ANTONIO LUIZ  
DESABAFANDO EM QUEYXAS DO MUYTO, QUE AGUARDAVA  
NA ESPERANÇA DE SER DELLE FAVORECIDO  
NA MERCÉ ORDINARIA.

Veio ao Espírito Santo  
da Ilha da Madeira Alz.  
um Escudeiro Gonçalves  
mais pobretão, que outro tanto:  
e topando a cada canto  
as Tapuias do lugar  
havendo uma de tomar  
para a bainha da espada,  
tomou Vitória agradada,  
que então lhe soube agradecer.

A tal era uma Tapuia  
grossa como uma jibóia,  
que roncava de tipóia,

e manducava de cuia:  
tocando ela a Aleluia,  
tirava ele a culumbrina  
com tal estrago, e ruína,  
que chegando a conjunção  
lhe encaixou a opilação  
por entre as vias da urina.

Pariu a seu tempo um cuco,  
um monstro (digo) inumano,  
que no bico era tucano  
e no sangue mamaluco:  
mas não tendo bazaruco,  
com que faça o batizado  
lhe assistiu sem ser rogado  
um troço de fidalguia  
pedestre cavalaria  
toda de beiço furado.

O Cura, que não curou  
de buscar no Calendário  
nome de Santo ordinário,  
por Antônio o batizou:  
tanto o colonim mamou,  
e tais forças tomou, que  
antes de se pôr de pé,  
e antes de estar já de vez,  
não falava o português,  
mas dizia o seu cobé.

Cansado de ver a Avoa  
co'as cuias à dependura,  
tratou de buscar ventura,

e embarcou numa canoa:  
vindo aportar a Lisboa,  
presumiu de fidalguia,  
cuidou, que era outra Bahia,  
onde basta a presunção  
para fazer-se a um cristão  
muchíssima cortesia.

Casou com uma rascoa,  
que por ele ardia em chamas,  
e era criada das Damas  
da Rainha de Lisboa:  
era uma grande pessoa,  
porque tinha um cartapácio,  
onde estudava de espácio  
todo o primor cortesão,  
que até um sujo esfregão  
cheira a primor em Palácio.

Nasceu deste matrimônio  
um Anjo, digo, um Marmanjo,  
que era no simples um Anjo,  
e no maligno um demônio:  
deram-lhe por nome Antônio;  
oh se o Santo tal cuidara!  
creio eu, que se irritara  
o grande Português tanto,  
que deixara de ser Santo,  
e o nome lhe não sujara.

Este pois por exaltar-se  
veio reger a Bahia:  
que bom governo faria,

quem não sabe governar-se!  
se ele quisera enforçar-se  
pelos que enforçar fazia,  
que bom dia nos daria!  
mas ele tão mal se salva,  
que quando dava a mão alva  
então tomava o bom dia.

O Ministro há de ser são,  
justo, e não desobrigado,  
há de ter ódio ao pecado,  
e ao pecador compaixão:  
que se tem má propensão,  
faz justiça, mas com vício,  
e se maior malefício  
tem, e pode condenar-me,  
livre-me Deus de julgar-me  
oficial do meu ofício.

Que, porque furto, o que coma,  
me enforquem, pode passar,  
mas que me mande enforçar  
a bengala de um Sodoma!  
quem sofrerá, que Mafoma  
me queime por mau cristão,  
vendo, que Mafoma é cão,  
velhaco, e de suja alparca,  
e o mais torpe heresiarca,  
que houve entre os filhos de Adão.

Quem na terra sofreria,  
que o fedor de um ataúde  
com bioco de virtude

disfarçasse a Sodomia?  
e de feito em cada dia  
desse ao povo um enforcado,  
e que de puro malvado  
desse esse dia um banquete,  
e alegrasse o seu bofete  
com bom vinho, e bom bocado?

O bem, que os mais bens encerra,  
e as glórias todas contém,  
é reinar, quem reina bem,  
pois figura a Deus na terra:  
eu cuido, que o mundo erra  
nesta alta reputação,  
que se o Rei erra uma ação,  
paga a seu alto atributo  
um tristíssimo tributo,  
e misérrima pensão.

O Príncipe soberano  
bom cristão temente a Deus,  
se o não socorrem aos céus,  
pensões paga ao ser humano:  
está sujeito ao tirano,  
que adulando ambicioso  
é áspide venenoso,  
que achacando-lhe os sentidos,  
turbado o deixa de ouvidos,  
de olhos o deixa ludoso.

Se fosse El-Rei informado,  
de quem o Tucano era,  
nunca à Bahia viera

governar um povo honrado:  
mas foi El-Rei enganado,  
e eu com o povo o paguei,  
que é já costume, e já lei  
dos reinos sem intervalo,  
que pague o triste vassalo  
os desacertos de um Rei.

Pagamos, que um figurilha  
corcova de canastrão  
com nariz de rebecão  
em cara de bandurilha,  
descompusesse a quadrilha  
dos homens mais bem nascidos,  
e que dos mal procedidos  
tal estimação fizesse,  
que honras, e postos lhes desse  
por lhe encherem os ouvidos.

Pagamos ver esta Hiena,  
que com a voz nos engana,  
pois fala como putana,  
e como fera condena:  
que uma terra tão amena,  
tão fértil, e fã fecunda  
a tornasse tão imunda  
falta de saúde, e pão;  
mas foi força, que tal mão peste,  
e fome nos infunda.

Pagamos que um homem bronco  
racional como um calhau,  
mamaluco em quarto grau,

e maligno desde o tronco:  
apenas se dá um ronco,  
em briga apenas se fala,  
quando os sargentos a escala  
prendem com descortesia  
aos honrados na enxovia,  
todo o patifão na sala.

Pagamos, que um Sodomita,  
porque o seu vício dissesse,  
todo o homem aborrecesse,  
que com mulheres coabita:  
e porque ninguém lhe quita  
ser um vigário-geral  
com pretexto paternal,  
aos filhos, e aos criados  
tenha sempre aferrolhados  
para o pecado mortal.

Pagamos, que o tal jumento  
isento de mãos guadunhas  
não furtasse pelas unhas,  
senão por consentimento:  
e que os quatro vezes cento,  
que se vieram trazer  
ao seu capitão mulher,  
porque o pão suba mais dez,  
não foi furto, que ele fez,  
mas deu jeito a se fazer.

Pagamos ver o Prelado,  
que se peca, é de prudente,  
dos serventes de um agente

descortesmente ultrajado:

o sobrinho amortalhado  
com tão fidalgos brasões  
pela Puta dos calções,  
que fiado em ser valido  
fez do sangue esclarecido  
tão lastimosos borrões.

Pagamos com dor interna,  
que nos passos da Paixão  
tão devoto é da prisão,  
que quer levar a lanterna:  
se entende, que a glória eterna  
prendendo há de merecer,  
fora melhor entender,  
que o céu lhe dá mais ganhado,  
não dormir-se co criado,  
que desvelar-se em prender.

Pagamos vê-lo esperar,  
e estar com expectativas  
de ser Conde das Maldivas  
por serviços de enforcar:  
e como mandou tirar  
um rol dos quatro maraus,  
que enforcou por vaganaus,  
cuidei (assim Deus me valha)  
que entre os Condes da baralha  
fosse ele o Conde de paus.

Porém Sua Majestade,  
Qual Príncipe Soberano,  
que não se indigna de humano

sem dano da dignidade:  
conhecida esta verdade,  
que é verdade conhecida,  
fará justiça cumprida,  
para que se lhe agradeça,  
que o mau na própria cabeça  
traga a justiça aprendida.

E porque nós de antemão  
a seus favores mostremos,  
quanto lhos agradecemos,  
lhe agradecemos D. João:  
era justo, era razão,  
conforme o direito e lei,  
quando o Rei dá Juiz a Grei,  
outro em seu lugar dispor,  
que seja o Governador  
tão fidalgo como El-Rei.

CONTINUA O POETA SATYRIZANDO-O COM O SEO CRIADO  
LUIZ FERREYRA DE NORONHA.

Estas as novas são de Antônio Luí=  
No que passa sobre um gato de algá=  
Que algália tira com colher de Itá= .  
que coze e corcoja em fonte Rabi= .  
  
Se lhe escalda ou não a serventi=  
Isto tem já provado o mesmo ga=  
Porque passando os rios de cuá=  
O caso tocou logo a Inquisi=  
  
Há cousa mais tremenda e mais atró=  
Que em terra, onde há tanta fartu=,

E haja que por um cu enjeite um có= ?

E que por mau gosto seja um pu= ?

Eu me benzo, e arrenego do demô=

E do pecado, que é contra a natu= .

AOS MESMOS AMO, E CRIADO.

Que aguarde Luís Ferreira de Norô=

Tão grande pespegar pelo besbê=!

Para o Puto, que aguarda tal pespê=,

E faz servir seu cu de cocó= .

Subverteu-se a cidade de Sodô=

Pelo muito, que andou de caranguê=:

A Palácio também cteio, sucé=

O mesmo, que à cidade de Gomô=.

Que desse em pescador Antônio Luí= ?

Nefando gosto tem o seu cará=,

Em não querer topar ponta de cri= .

Pois tanto se narnora do pescá=,

A cuama se vá pescar lombri=,

E em castigo de Deus morra queimá=.

PROSSEGUE O MESMO ASSUMPTO.

No beco do cagalhão,

no de espera-me rapaz,

no de cata que farás

e em quebra-cus o acharam,

que tirando ao come-em-vão

que era esperador de cus,

lhe arreventou o arcabuz

no beco de lava-rabos,  
onde lhe cantam diabos  
três ofícios de catruz.

Tomem pois exemplo aqui  
o Tucano e o Ferreira,  
pois lhos diz esta caveira,  
aprended, flores, de mi:  
mais aqui, ou mais ali  
sempre os demônios são artos  
sempre bichos, e lagartos,  
e dar-lhe-ão sobre beijus,  
a comer sempre cuscuz,  
a ver se se dão por fartos.

REPETE A MESMA SATYRA.

Quem aguarda a luxúria do Tucano  
Também pode esperar a do Lagarto,  
Se acaso conceber, verá no parto  
A substância que leva do tutano.

Estes, que se debreiam mano a mano,  
Disciplinar-se-ão de quarto em quarto,  
E o que de mais sustância estiver farto,  
A via busque, que o negócio é cano.

Conheça a Inquisição estas verdades,  
E como é certo, o que o soneto diz,  
Paguem-se em vivo fogo estas maldades,

Ardendo morram já como Solis,  
E como arderam já duas cidades,  
Ardam Luís Ferreira, e Antônio Luís.

AO MESMO ASSUMPTO.

## MOTE

Quem sai a mijar de Beja  
por fora de Vidigueira  
Dá c'o piçalho em Ferreira.

Senhora velha roupeira  
pois todo Alentejo andou  
não me dirá, quanto achou,  
que vai de Beja a Ferreira:  
porque outra velha embusteira,  
com profia, e com inveja,  
não quer que uma légua seja,  
e por palmos de cará  
diz, que só um palmo achará  
quem sai a mijar de Beja.

Isto a velha quer, que seja,  
e do seu querer colijo,  
que vai a beber do mijo,  
quem sai a mijar de Beja:  
porém quem saber deseja  
a conclusão verdadeira,  
deste caminho, ou carreira,  
pelos passos do pismão  
quer saber, que passos vão  
por fora da Vidigueira.

Porque parvoíce fora  
não ver entre boca, e centro,  
que uma cousa é mijar dentro  
outra cousa andar por fora:  
e assim vós, minha Senhora  
velha, que nesta carreira

já sois useira, e vezeira  
desmenti da velha a inveja,  
pois diz, que quem sai de Beja,  
dá co piçalho em Ferreira.

DIZ MAIS COM O MESMO DESENFADO:

Sal, cal, e alho  
caiam no teu maldito caralho. Amém.  
O fogo de Sodoma e de Gomorra  
em cinza te reduzam essa porra. Amém  
Tudo em fogo arda,  
Tu, e teus filhos, e o Capitão da Guarda.

DEDICATORIA ESTRAVAGANTE QUE O POETA PAZ DESTAS OBRAS  
AO MESMO GOVERNADOR SATYRIZADO.

Desta vez acabo a obra,  
porque é este o quarto  
tomo das ações de um Sodomita,  
dos progressos de um fanchono.  
Esta é a dedicatória,  
e bem que preverto o modo,  
a ordem preposterando  
dos prólogos, os prológios.  
Não vai esta na dianteira,  
antes no traseiro a ponho,  
por ser traseiro o Senhor,  
a quem dedico os meus tomos.  
A vós, meu Antônio Luís,  
a vós, meu Nausau ausônio,  
assinalado do naso  
pela natura do rosto:  
A vós, merda dos fidalgos,  
a vós, escória dos Godos,

Filho do Espírito Santo,  
E bisneto de um caboclo:  
A vós, fanchono beato,  
Sodomita com bioco,  
e finíssimo rabi  
sem nascerdes cristão-novo:  
A vós, cabra dos colchões,  
que estoqueando-lhe os lombos,  
sois fisgador de lombrigas  
nas alagoas do olho:  
A vós, vaca sempiterna  
cosida, assada, e de molho,  
Boi sempre, Galinha nunca  
in secula seculorum:  
A vós, ó perfumador  
do vosso pagem cheiroso,  
para vós algália sempre,  
para vós sempre mondongo:  
A vós, ó enforcador,  
e por testemunhas tomo  
os Irmãos da Santa Casa,  
que lhes carregam os ossos:  
Pois no dia dos Finados,  
quando desenterram mortos  
também murmuram de vós  
pela grã carga dos ombros:  
A vós, ilustre Tucano,  
mal direito, e bem giboso,  
pernas de rolo de pau,  
antes de o levar ao torno:  
A vós: basta tanto vós,

porque este insensato Povo  
vendo, que por vós vos trato,  
cuidará, que sois meu moço:  
A vós dedico, e consagro  
os meus volumes, e tomos,  
defendei-os, se quiserdes,  
e se não, vai nisso pouco.

APOLOGIA CAVILLOSA EM DEFENÇA DO MESMO GOVERNADOR ANTONIO LUIZ.

Agora saio eu a campo  
por vós, meu Antônio Luís,  
que já fede tanto verso,  
e enfada tanto pasquim!  
Que vos quer esta canalha  
tropel de vilões ruins,  
tanto Poeta sendeiro,  
tanto trovador rocim?  
Se fizestes mau governo,  
que é certo, que foi ruim,  
eles, que o façam pior,  
que eu lhe dou das quatro mil.  
Entorcastes muita gente?  
mente, quem tal coisa diz:  
Gabriel os enforcava,  
que eu com estes olhos vi.  
É verdade, que gostáveis  
vós muito de vê-los ir,  
sois amigo de enforcados,  
ter-lhes ódio, isso fora ruim.  
Cada qual gosta, o que gosta,  
uns carneiro outros perdiz,

vós um quarto de enforcado,  
e eu de um quarto do pernil.  
Em gostos não há disputa  
dai ao demo o povo vil,  
que até nos gostos se mete  
a ser dos gostos juiz.  
O querer não tem razão,  
que a vontade é mui sutil,  
e assim por onde quer entra,  
e talvez não quer sair.  
Cada um quer, o que quer,  
não há nisto, que arguir,  
fez Deus as vontades livres,  
prendê-las é frenesi.  
Sois amigo de enforcados,  
quem vo-lo pode impedir?  
oxalá fôreis amigo  
levar o mesmo fim.  
Ora vamos a farinha,  
foi pouca, cara, e ruim:  
mas vós não sois sol, nem chuva,  
para haver de a produzir.  
Eu confesso, que houve fome,  
governando vós aqui,  
sois mofino, e por contágio  
ficou mofino o Brasil.  
Ser mofino não é culpa,  
a fortuna o quer assim:  
quem é mofino consigo,  
cos mais há de ser feliz?  
Não vos mandou governar  
El-Rei farinhas aqui,

as carnes, nem os pescados,  
porém a forca isso sim.  
Valha o diabo a vossa alma  
cabelos de colomim,  
mandou-vos El-Rei acaso  
desgovernar os quadris?  
Mandou-vos acaso El-Rei  
com as fêmeas não dormir,  
senão com vosso criado,  
que é bomba dos vossos rins?  
No mais vos levanta falsos  
todo este povo civil,  
mas isto do vosso corpo  
vo-lo levanta o Luís.  
Mandou-vos El-Rei acaso  
a Sodoma, ou ao Brasil?  
Se não viveis em Judá,  
quem vos meteu a Rabi?  
Mandou-vos El-Rei que fosse  
vosso pajem meretriz,  
madrasta de vossos filhos,  
como dizem por aí?  
Ora ide-vos co diabo,  
que ja não quero acudir  
por um Tucano, um Fanchono,  
um Sodoma, um vilão ruim.

DESCANTA O POETA AGORA A DESPEDIDA DESTE GOVERNADOR  
EM METAPHORA DE CHULARIAS, QUE SE UZAVAM NAQUELLE TEMPO.  
POR DIZER-SE VINHA RENDÉLLO D. JOÃO DE ALENCASTRE SEU CUNHADO.

Bangüê, que será de ti  
em vindo o Governador,

que manda El-Rei meu Senhor  
para te botar daqui?  
que será de ti, maldi-  
to, que assaz a ti te toca  
por neto de curiboca  
e porque este teu pepino  
no que é vaso feminino  
jamais toca, nem emboca.

Que será de ti, Bangüê,  
quando o sucessor vier,  
que hás de perder a mulher,  
que é fêmea de cutilque?  
e se teu criado é,  
que o podes também levar,  
não te há de sofrer o mar,  
nem suas ondas sagradas,  
antes por essas porradas  
a porra te há de salgar.

RETRATO QUE FAZ ESTRAVAGANTEMENTE O POETA, AO MESMO  
GOVERNADOR ANTONIO LUIZ DA CAMARA NA SUA DESPEDIDA.

Vá de retrato  
por consoantes,  
que e eu sou Timantes  
de um nariz de tucano  
    pés de Pato.  
Pelo cabelo  
começo a obra,  
que o tempo sobra  
para pintar a giba  
    do camelo.  
Causa-me engulho

o pêlo untado,  
que de molhado  
parece, que sai sempre  
de mergulho.

Não pinto as faltas  
dos olhos baios,  
que versos raios  
nunca foram, senão  
a cousas altas.

Mas a fachada  
da sobancelha  
se me assemelha  
a uma negra vassoura  
esparramada.

Nariz de embono  
com tal sacada,  
que entra na escada  
duas horas primeiro  
que seu dono.

Nariz, que fala  
longe do rosto,  
pois na Sé posto  
na Praça manda pôr  
a guarda em ala.

Membro de olfatos,  
mas tão quadrado,  
que um Rei coroadado  
o pode ter por copa  
de cem pratos.

Tão temerário  
é o tal nariz,

que por um triz  
não ficou cantareira  
de um armário.

Você perdoe,  
nariz nefando,  
que eu vou cortando,  
e inda fica nariz,  
em que se assoe.

Ao pé da altura  
no naso oiteiro,  
tem o sendeiro,  
o que boca nasceu, e é  
rasgadura.

Na gargantona  
membro do gosto  
está composto  
o órgão mais sutil  
da voz fanchona.

Vamos à giba:  
mas eu que intento,  
se não sou vento  
para poder trepar  
lá tanto arriba?

Sempre eu insisto,  
que no horizonte  
deste alto monte  
foi tentar o diabo  
A Jesu Cristo.

Chamam-lhe autores,  
por falar fresco  
dorso burlesco,  
no qual fabricaverunt

peccatores.

E havendo apostas,  
se é homem, ou fera,  
se assentou, que era  
um caracol, que traz  
a casa às costas.

De grande a riba,  
tanto se entona,  
que já blasona,  
que enjeitou ser canastra  
por ser giba.

Ó pico alçado,  
quem lá subira,  
para que vira,  
se és Etna abrasador  
se Alpe nevado!

Cousa pintada  
sempre uma cousa,  
pois onde pousa,  
sempre o vêm de bastão  
sempre de espada.

Dos santos passos  
na bruta cinta  
uma cruz pinta  
a espada o pau da cruz,  
e eles os braços.

Vamos voltando  
para a dianteira,  
que na traseira  
o cu vejo açoutado  
por nefando.

Se bem se infere  
outro fracasso,  
porque em tal caso  
só se açouta, quem canta  
o miserere.

Pois que seria,  
que eu vi vergões?;  
serão chupões,  
que o bruxo do Ferreira  
lhe daria.

Seguem-se as pernas,  
sigam-se embora,  
porque eu por ora  
não me quero embarcar  
em tais cavernas.

Se bem, que assento  
nos meus miolos  
que são dous rolos  
de tabaco já podre,  
e fedorento.

Os pés são figas  
a mor grandeza,  
por cuja empresa  
tomaram tantos pés  
tantas cantigas.

Velha coitada  
suja figura,  
na arquitetura  
da popa de Nau nova  
está entalhada.

Boa viagem  
senhor Tucano,

que para o ano  
vos espera a Bahia  
entre a bagagem.

A D. JOÃO D'ALENCASTRE TOMANDO POSSE DO SEU GOVERNO OBSEQUEA O  
POETA COM AS QUEYXAS DO SEU ANTECESSOR, E CUNHADO.

Quando Deus redimiu da tirania  
da mão do Faraó endurecido  
o Povo Hebreu amado, e esclarecido.  
Páscoa ficou de redenção o dia.

Páscoa de flores, dia de alegria  
Àquele Povo foi tão afligido  
O dia, em que por Deus foi redimido;  
Ergo sois vós, Senhor, Deus da Bahia.

Pois mandado pela alta Majestade  
Nos remiu de tão triste cativo,  
Nos livrou de tão vil calamidade.

Quem pode ser senão um verdadeiro Deus,  
que veio estirpar desta cidade  
O Faraó do Povo Brasileiro.

AO MESMO GOVERNADOR CHEGANDOLHE A NOVA DA MORTE DE  
SUA SOGRA, A QUEM DEYXOU CONVALECIDA DA MESMA ENFERMIDADE,  
DE QUE MORREO DEPOIS.

Alto Príncipe, a quem a Parca bruta  
Aos estragos negando-se de horrível,  
Quando acredita assombro no inflexível,  
Em rendimento a vossos pés tributa.  
Tímida a vossa vista se reputa,

E o mostra nesta ação quase visível,  
Onde em vós o pesar, sendo possível,  
Reverente o rigor não executa.

Pouco faz a Bahia, se venera  
Humilde, e grata a vossa presidência,  
Se inda a morte convosco não é fera

Porque admirando em vós tanta excelência  
Para dar-vos um golpe, astuta espera  
(Por temer-vos, Senhor) a vossa ausência.

LOUVA O SECRETARIO DE ESTADO BERNARDO VIEYRA RAVASCO A HUM  
SUGEYTO, QUE FOY À COSTA DA MINA E LÁ FEZ HUMA ILLUSTRE ACÇÃO.

Vindes da Mina, e só trazeis a fama,  
De que vosso valor fez alta empresa,  
Que não consiste a glória na riqueza  
No seu desprezo sim, que honra se chama.

O vosso zelo, que ambição se inflama,  
Do serviço fiel de Sua Alteza  
Lhe deu prudente aquela Fortaleza,  
Que é padrão imortal, que vos aclama.

Quanto co'a espada, e co juízo obrastes,  
Quanto na África, e Europa merecestes,  
São ações, que convosco competistes.

Não vos queixeis do pouco, que alcançastes,  
Pois na glória, em que a todos excedestes,  
Dificultais o prêmio, ao que servistes.

RESPONDE O POETA A BERNARDO VIEYRA RAVASCO PELOS MESMOS  
CONSOANTES POR AQUELLA PESSOA A QUEM SE FEZ O OBSEQUIO.

Hoje é melhor ter mina, que ter fama,  
Que no tesouro se acha a nobre empresa,  
Porque onde se idolatra só riqueza,  
A glória dos progressos nada clama.

Ambicioso e avarento mais se inflama  
Pertendendo subir a nova alteza,  
E fragando nos bens a fortaleza,  
Quer estragar a honra, que se aclama.

Mas vós, que a acreditar-me tanto obrastes,  
Fiado, no que, é certo, merecestes,  
Em mérito, a que sempre competistes:

A mim me dais a glória, que alcançastes,  
Que como vós em tudo me excedestes,  
Té para me abonar hoje servistes.

CONTINUA BERNARDO VIEYRA RAVASCO NO SEU PROPOSITO  
PELOS MESMOS CONSOANTES.

Nos assuntos, que dais à vossa fama,  
Têm as invejas mais ardente empresa,  
Pois se a glória do nome é mor grandeza,  
No vosso acende mais ativa a chama

A emulação, que sempre assim se inflama,  
O seu incêndio exala à suma alteza,  
Mas esse incêndio em rara fortaleza  
Salamandra vos faz, Fênix aclama.

Quanto nas armas valeroso obrastes,  
Nas invejas prudente merecestes,  
Triunfando sempre nunca competistes.

Mas outra maior glória inda alcançastes;

Não há Musa, que conte, o que excedestes,

Nem grandeza, que pague, o que servistes.

AO MESMO SECRETARIO DE ESTADO BERNARDO VIEYRA PEDINDO HUMAS  
OITAVAS AO POETA, EM TEMPO, EM QUE FAZIA ANNOS CONVALESCENDO  
DE HUMA GRAVE DOENÇA.

Oitavas canto agora por preceito,

Sem que na oitava possa diligente

Louvar as excelências de um sujeito,

Que pode ser em tudo o melhor Lente:

Mas como em mim não pode ser perfeito

O canto, ficará menos cadente

A música de Apolo, e de Talia,

Que não há cantar bem sem melodia.

Se do tempo perfeito o meu compasso

A compasso cantara neste canto,

Não faltara à garganta agora o passo,

E em passos de garganta fora espanto:

Porém se em canto nunca da mão passo

Como posso afinar no canto tanto,

Que me atreva a cantar vossa ciência,

Sem que falte ao compasso na cadência.

Canora a voz tomara, e tão suave,

Que em passos largos, e ecos repetidos

Sonora requintasse aquela clave,

Em que fossem meus ecos esparcidos:

Porém se o vosso nome o canto grave

Eleva suspendendo os mais sentidos,

Com a voz, que formar o meu alento

Chegar posso também ao Firmamento.

Discussão desse globo de ciências

No mapa desta esfera Americana,  
Acho um todo formado de excelências  
Maravilha fatal em forma humana:  
De modo se une, e formam as essências  
Que o natural as graças vos germana:  
Mas que muito se vós no largo mundo  
Sois da graça, e ciências tão fecundo.

Se emulações tiraram Luzimentos,  
Que soube a natureza vincular-vos,  
Apolo não perdera os pensamentos,  
Temendo-se na empresa de louvar-vos:  
Suspende a admiração os vãos intentos  
Ao discurso, que emprende realçar-vos,  
Que a Musa enfraquecida, a pena leve  
Nunca diz, o que sente, no que escreve.

Deixem-se os Gregos já do seu Eliano,  
Condenam a silêncio um Xenofonte,  
Não louve Alexandria Herodiano,  
Que na Bahia tem Timocreonte:  
O qual pode ensinar Quintiliano,  
Camões, Terêncio, Ênio, Anacreonte,  
Platões, Anaximandros, e Musés,  
Acusilaus, Priscianos, e a Timéus.

Nos anos climatéricos glorioso  
Vosso nome será tão dilatado,  
Que suba, onde o decrépito invejoso  
O veja nas estrelas colocado:  
Sereis novo Planeta luminoso,  
E Sol em nova esfera sublimado,  
Que, a quem o mundo singular aclama,

Só descansa no céu com ele a fama.

Separar vossas partes, e Louvores

Absurdo fora certo, e averiguado,

Que à grandeza dos orbes superiores

Ninguém pode pôr termo limitado:

Receba o infinito por maiores,

Quem foi por singular ao mundo dado,

Com que as partes publica deste modo,

Quem de todo admirado admira o todo.

Cesse pois em louvar-vos minha pena,

Que impossível será, que sem engano

Presuma, que fazendo esta novena

Vos possa ponderar em todo um ano:

Este novo, e felice, que hoje ordena

O Céu, lograi, Senhor, sem tanto dano,

Porque sejam em vós os mais gloriosos

Aqueles, que vos faltam de invejosos.